

Enfrentando a pressão do mundo

Salmo 119.113-120 (NAA)

▷ Sâmeque

¹¹³Detesto a falsidade, porém amo a tua lei. ¹¹⁴Tu és o meu refúgio e o meu escudo; na tua palavra eu espero. ¹¹⁵Afastem-se de mim, malfeitores; quero guardar os mandamentos do meu Deus. ¹¹⁶Ampara-me, segundo a tua promessa, para que eu viva; não permitas que eu seja envergonhado na minha esperança. ¹¹⁷Sustenta-me, e serei salvo e sempre atentarei para os teus decretos. ¹¹⁸Desprezas os que se desviam dos teus decretos, porque a astúcia deles é vã. ¹¹⁹Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra; por isso, amo os teus testemunhos. ¹²⁰Meu corpo treme de medo de ti, e temo os teus juízos.

Vivemos num momento em que ser cristão no Brasil ficou caro. Não caro no sentido de perseguição aberta e declarada — prisões, martírio, violência... por se professar a fé. Pelo menos não ainda. Para a maioria de nós, o custo é mais sutil. É o custo de parecer fora do lugar. De ser o estranho na sala.

Pense no jovem estudante que, em classe ou numa apresentação de trabalho, defende que existe verdade objetiva. O professor esboça um sorriso. Levanta as sobrancelhas. Como quem ouve uma criança falar. O cristianismo ali até que não é combatido. É tolerado. Tratado como algo que gente educada já superou.

Pense na mãe que, numa reunião de escola, menciona o que a Bíblia diz sobre determinado assunto. O silêncio que se instala. Ninguém discute. Há constrangimento. Olhares trocados. A sensação de ter dito algo embaraçoso. A pressão não vem em forma de argumento. Vem em forma de isolamento.

Pense no profissional que percebe que certas convicções cristãs não podem mais ser ditas em voz alta sem consequências. Não é ilegal tê-las. Mas expressá-las tem um preço. Reputação. Relacionamentos. Oportunidades. A cultura aprendeu que não precisa proibir o que pode simplesmente tornar inviável.

Três ambientes. Três tipos de pressão. Mas a mesma mensagem no fundo: **ou você se adapta, ou você fica de fora**. É assim na faculdade ou na escola, no trabalho, com os amigos e até entre família.

O homem que escreveu o **Salmo 119** conhecia essa pressão.

Davi vivia rodeado de **malfeitores e ímpios** — não necessariamente criminosos, mas pessoas cujos valores e escolhas empurravam continuamente na direção oposta à de Deus.

E ele não escreveu este salmo de um lugar de vitória tranquila. Escreveu pedindo ajuda: “Ampara-me... sustenta-me... não permitas que eu seja envergonhado” (vs. 116-117). São as palavras de quem sente o peso. De quem sabe que não vai aguentar sozinho.

Mas no meio de toda essa pressão — aqui na estrofe **Sâme-que**, a décima quinta das vinte e duas do Salmo 119 — Davi não responde com transigência. Nem com amargura. Nem com vitimismo. Ele responde com **TRÊS ATITUDES SURPREENDENTES**.

O Salmo 119.113-120 nos mostra que o que sustenta o crente diante da pressão do mundo não é força de vontade — é (1) **amar a Palavra**, rejeitando a duplicidade; (2) **separar-se do mal** e depender do SENHOR; e (3) **temer o juízo de Deus** e seu testemunho.

1. Ame a Palavra, rejeite a duplicidade

Como enfrentar a pressão do mundo? Primeiro: amando a Palavra de Deus — e rejeitando a duplicidade. **Versículos 113-114:**

¹¹³Detesto a falsidade, porém amo a tua lei. ¹¹⁴Tu és o meu refúgio e o meu escudo; na tua palavra eu espero.

Observe o seguinte:

A pressão do mundo explora o coração dividido

“Detesto a falsidade...” (v. 113a)

A palavra hebraica traduzida como “falsidade” na NAA ocorre apenas aqui em todo o Antigo Testamento. Ela não descreve uma mentira pontual. Descreve um estado de espírito: o de quem está dividido. Hesitante. Que tenta servir a dois senhores ao mesmo tempo. Outras traduções rendem assim esse sentido: “pessoas inconstantes” (NVT/NVI); “duplicidade [ou: *mente dupla*]” (ARA/ARC); “pessoas falsas” (NTLH); “hipocrisia” (A Mensagem); “pensamentos vãos” (BKJ); “os que vacilam” (AS21).

Elias conhecia esse tipo de pessoa. Em **1Reis 18.21** o profeta confronta Israel: “Até quando vocês ficarão pulando de um lado para outro? Se o SENHOR é Deus, sigam-no; se é Baal, sigam-no.” A resposta do povo foi silêncio. Não havia inimigos declarados na multidão. Havia pessoas divididas.

E esse é exatamente o tema que Josué enfrenta no seu discurso de despedida ao povo de Deus. Em **Josué 24.15** ele declara: “Se vocês não quiserem servir ao SENHOR, escolham hoje a quem vão servir... Eu e a minha casa serviremos o SENHOR.”

Josué conhecia a tentação do povo — a pressão vinha de várias direções, e todas empurravam para o mesmo lugar: a duplicidade, a devoção dividida. O chamado é o mesmo do salmista: devoção inteira, lealdade sem reservas — não como opção entre outras, mas como posição declarada e irrevogável.

E note que esse não é um problema só do Antigo Testamento. **Tiago** menciona a duplicidade duas vezes — em **1.8** e **4.8** — escrevendo para cristãos. O campo de batalha, diz ele, é o coração.

E é exatamente isso que Davi detesta — não apenas nos outros, mas como possibilidade em si mesmo. Sua declaração é uma resolução: “Detesto a falsidade” (119.113). Quero ser inteiro na minha devoção a Deus. Leal à sua Palavra. A duplicidade me repugna.

Por quê? Porque a fé dividida não é uma posição neutra. É uma posição contra Deus. Como Jesus deixa claro em **Lucas 11.23**: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.” Não existe meio-termo estável. A pressão do mundo não precisa converter o crente ao ateísmo — basta dividi-lo. Basta fazê-lo hesitar o suficiente para que a Palavra perca autoridade prática sobre a vida. Basta explorar o coração dividido por natureza.

Mas veja:

A resposta à duplicidade é o amor declarado

“Detesto a falsidade, porém amo a tua lei.” (v. 113b)

O contraste é deliberado e total: onde há divisão, ele escolhe a lei; onde há hesitação, ele declara posição.

O amor à Palavra não é sentimento vago — é orientação do coração que recusa a mente dividida.

E note que o salmista não diz “tolero”, “respeito” ou “procuro conviver”. Ele diz detesto um, pois amo o outro. Detesto a falsidade, pois amo a lei do SENHOR. É a linguagem do relacionamento, não da obrigação. A palavra de Deus não é para Davi um código de conduta a ser cumprido sob pressão — é o objeto de afeição de um coração que conhece o seu autor.

Observe:

O amor à Palavra nasce de conhecer Deus

“Tu és o meu refúgio e o meu escudo;
na tua palavra eu espero.” (v. 114)

Aqui está o fundamento do versículo anterior.

E a ordem importa.

O **versículo 113** declara o que o salmista faz — ele detesta a falsidade e ama a lei. O **versículo 114** revela por que ele consegue — porque conhece quem é Deus: **refúgio e escudo**.

Refúgio é lugar de abrigo — a imagem de quem corre para uma fortaleza quando a ameaça se aproxima. **Escudo** é defesa ativa, o que cobre o guerreiro no campo de batalha. O salmista usa as duas imagens juntas porque a pressão do mundo age nas duas frentes: às vezes nos expõe, às vezes nos ataca.

É exatamente aí que o amor à Palavra tem sua raiz. Quem conhece Deus como refúgio confia no que Deus diz — e se aninha com fé à sombra de suas asas. Quem experimenta Deus como escudo espera na sua Palavra.

Por exemplo:

Um filho que cresce numa casa onde o pai é confiável não precisa ser obrigado a ouvir os conselhos do pai. Ele os busca. Não porque é regra — mas porque já viu o pai acertar. Já foi protegido por ele. Já se escondeu nele quando o mundo ficou grande demais.

O crente que conhece Deus como refúgio lê a Bíblia com esse mesmo instinto. Não como manual de regras de um legislador distante. Mas como palavra de alguém em quem já aprendeu a confiar. E o ama.

O problema é que quando a fé fica dividida — quando o coração hesita entre Deus e o mundo — essa confiança esfria. E quando a confiança esfria, a Palavra perde sabor. Começa a parecer

pesada, restritiva, antiquada — porque o relacionamento que a tornava viva foi negligenciado.

A pergunta que o texto faz para cada um de nós não é simplesmente: “Você lê a Bíblia?” A pergunta é mais profunda: “Em que área da sua vida você ainda está dividido?”

Porque a duplicidade raramente aparece como apostasia declarada. Ela aparece como adiamento. Como convicções que ficam na cabeça mas não descem para as decisões. Como fé que funciona no domingo mas não interfere na segunda.

O salmista nos mostra que a saída da duplicidade não é fazer mais esforço. É aprofundar o conhecimento de Deus. Quanto mais ele experimenta Deus como refúgio e escudo, mais naturalmente ama a Palavra — e rejeita a duplicidade.

2. Separe-se do mal e dependa de Deus

Como enfrentar a pressão do mundo? Primeiro: amando a Palavra de Deus — e rejeitando a duplicidade (vs. 113-114). Segundo: separando-se do mal e dependendo radicalmente de Deus. **Versículo 115-117:**

¹¹⁵Afastem-se de mim, malfeitores; quero guardar os mandamentos do meu Deus. ¹¹⁶Ampara-me, segundo a tua promessa, para que eu viva; não permitas que eu seja envergonhado na minha esperança. ¹¹⁷Sustenta-me, e serei salvo e sempre atentarei para os teus decretos.

A separação do mal é motivada pelo amor obediente, não pelo orgulho

¹¹⁵Afastem-se de mim, malfeitores; quero guardar os mandamentos do meu Deus.

A mudança de tom aqui é abrupta e intencional. O salmista para de falar sobre Deus e passa a falar diretamente com os malfeitores. É um imperativo. Direto. Sem rodeios.

Note a motivação que ele mesmo oferece: “quero guardar os mandamentos do meu Deus.” A separação não nasce do orgulho — nasce do desejo de obedecer por amor. Não é arrogância religiosa. É clareza de propósito.

Isso é importante porque o mundo frequentemente interpreta a separação cristã como julgamento. Como superioridade moral. E às vezes, é preciso admitir, o crente de fato a pratica assim. Mas o modelo do salmista é diferente. Ele se afasta não porque se considera melhor — mas porque sabe que certas companhias tornam a obediência mais difícil.

O **Salmo 1.1** já havia ensinado isso. “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.” A progressão é sutil mas real: andar → deter-se → assentar-se. A influência do mal raramente é imediata — ela é gradual. Começa com uma conversa, vira um hábito, vira uma identidade.

Paulo é igualmente direto em **1Coríntios 15.33**: “Não se enganem: as más companhias corrompem os bons costumes.” Não é uma possibilidade. É uma certeza. O apóstolo e o salmista sabiam disso, e por isso o imperativo é firme: **afastem-se**.

Outra coisa:

A firmeza diante do mal exige humildade diante de Deus

¹¹⁶Ampara-me, segundo a tua promessa, para que eu viva; não permitas que eu seja envergonhado na minha esperança.

Aqui acontece uma virada que o texto não anuncia mas que é teologicamente decisiva. No versículo anterior (v. 115), o salmista age com firmeza — rejeita os malfeitores, declara seu propósito. Mas no versículo seguinte (v. 116), ele ora. E a oração revela o que a firmeza não mostra: **ele sabe que não consegue sozinho**.

“**Ampara-me**” — ou: *sustenta-me*. É a imagem de alguém que coloca o peso do próprio corpo em outro. Não é oração de protocolo. É o reconhecimento de que a separação declarada no versículo 115 só se sustenta com sustento divino.

E ele pede duas coisas específicas. Note, **versículo 116**:

Primeiro: “**para que eu viva.**” Não sobreviva. Não resista. Mas viva — com plenitude, com propósito, com a vida que só a obediência à Palavra produz.

Segundo: “**não permitas que eu seja envergonhado na minha esperança.**” O pedido vai além do desejo de não ser constrangido — descreve a derrota humilhante diante dos inimigos. Davi não pede para não sentir a pressão. Pede para não ceder a ela.

Ele também sabe o seguinte:

A perseverança na obediência é obra de Deus no crente

¹¹⁷Sustenta-me, e serei salvo e sempre atentarei para os teus decretos.

O versículo 117 é quase um eco do anterior — mas vai além: não apenas pede para não cair (“Ampara-me”), mas para perseverar continuamente (“Sustenta-me”). “Sempre atentarei para os teus decretos.” Não apenas hoje. Mas **sempre**. “Sustenta-me”!

E a estrutura da frase é reveladora: “Sustenta-me, e serei salvo”. A ordem não é acidental. Primeiro o *sustento* divino — depois a *segurança*. Primeiro a dependência — depois a perseverança. O salmista não diz “serei salvo se me esforçar o suficiente.” Ele diz “serei salvo se Tu me sustentares, SENHOR”.

Comentando esse versículo, **Charles Spurgeon** captou com precisão: “A perseverança até o fim, a obediência contínua, vem somente pelo poder divino.” Realmente, o crente que enfrenta o mundo com suas próprias forças vai ceder — não porque seja fraco

demais, mas porque a pressão é grande demais. A dependência de Deus não é o plano B para quando o esforço humano falha. É o plano único desde o início.

Paulo entendeu isso profundamente. Em **Filipenses 2.12-13** ele escreve: “Desenvolvam a sua salvação com temor e tremor, porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”

O imperativo humano — “desenvolvam a sua salvação” — e a obra divina — “Deus é quem efetua” — não se contradizem. Eles se pressupõem. O crente age porque Deus sustenta. O crente persevera porque Deus não o abandona.

Aqui nós somos confrontados com dois erros opostos que o crente comete diante da pressão do mundo.

O PRIMEIRO É A PASSIVIDADE: ficar no meio de influências que corroem a fé e não tomar nenhuma decisão de separação, achando que a graça cobre tudo. O salmista, porém, responde com o **versículo 115** — há momentos em que a obediência exige um imperativo claro: **afastem-se**.

O SEGUNDO ERRO É O VOLUNTARISMO: tomar todas as decisões certas de separação, mas na força própria, sem uma promessa bíblica, sem oração, sem dependência, sem reconhecer que a perseverança é obra de Deus. O salmista, porém, responde com os **versículos 116-117** — logo depois da firmeza, vem a súplica: “Ampara-me... Sustenta-me... Não permitas que eu seja envergonhado na minha esperança, SENHOR.”

A pergunta para você é dupla.

Há algo ou alguém de quem você precisa se afastar para guardar os mandamentos do seu Deus?

E você tem pedido ao SENHOR para sustentá-lo nisso — ou está tentando na força própria?

John Piper define essa dinâmica bíblica com o conceito de “agir o milagre”. A santificação rejeita a inércia. Quando Cristo manda um paraplégico andar, o poder da restauração é exclusivamente divino, mas o homem precisa mover as pernas. OU SEJA: unir a decisão firme de afastar-se do mal (Sl 119.115) à total dependência de Deus (Sl 119.116-117) é agir o milagre que o próprio Deus opera em nós; é: empenhar um esforço consciente e enérgico para rejeitar o pecado, ancorado na certeza de que a própria força e a vontade para dar esse passo são operações diretas da graça que o sustenta.

É assim que se enfrenta a pressão do mundo.

3. Tema no juízo de Deus e ame seus testemunhos

Como enfrentar a pressão do mundo? Primeiro: amando a Palavra de Deus — e rejeitando a duplicidade (vs. 113-114). Segundo: separando-se do mal, dependendo radicalmente de Deus (vs. 115-117). Terceiro: contemplando o juízo de Deus e deixando que ele produza amor e temor santo (vs. 118-120).

¹¹⁸Desprezas os que se desviam dos teus decretos, porque a astúcia deles é vã. ¹¹⁹Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra; por isso, amo os teus testemunhos. ¹²⁰Meu corpo treme de medo de ti, e temo os teus juízos.

Você precisa saber disto, crente:

O mundo que pressiona o crente não escapará do juízo de Deus

¹¹⁸Desprezas os que se desviam dos teus decretos, porque a astúcia deles é vã. ¹¹⁹Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra;

Depois de dois pontos centrados na postura do crente — o que ele ama, o que ele rejeita, como ele ora — o texto vira o ângulo da câmera. Agora o foco não é o salmista. Nem é apenas Deus. O foco é o que Deus faz com os ímpios.

Dois verbos dominam esses versículos: “desprezas” (v. 118) e “rejeitas” (v. 119). Deus não é indiferente aos que se desviam da sua Palavra — mas os descarta com a seriedade de quem leva a santidade a sério. A imagem da **escória** é precisa e brutal: é o resíduo inútil que sobe à superfície quando o metal precioso é purificado pelo fogo — e é removida e descartada.

A IMAGEM É MUITO FORTE: a astúcia dos ímpios — suas estratégias, sua sofisticação, sua capacidade de pressionar — é descrita como **vã**: sem substância (v. 118). Podem até fazer o crente sentir que está no lado errado da história. Mas diante de Deus, toda essa astúcia não passa de fumaça.

Gênesis 18.25 levanta a pergunta que os versos 118 e 119 respondem: “Será que o Juiz de toda a terra não faria justiça?”.

A resposta do Salmo 119 é categórica. Deus fará. O juízo é certo e irreversível. Os ímpios que hoje pressionam, ridicularizam e isolam o crente não prosperarão para sempre, nem escaparão das suas obras.

Isso é retribuição divina. É a vingança do Senhor (Rm 12.19). É a afirmação de que o universo moral não é neutro. Existe um justo Juiz, haverá um julgamento, e a palavra de Deus que os ímpios hoje desprezam é exatamente o padrão pelo qual eles serão avaliados.

O resultado dessa convicção para o cristão é o descanso. Como sabemos que Deus aplicará a sua justiça, somos livres do fardo de tentar executá-la. É isso que nos capacita a fazer o bem aos que nos perseguem em vez de retribuir o mal (Rm 12.20-21).

A doutrina da justiça e da vingança divinas é a única saída para corações consumidos pela ofensa e pelo desejo de justificação. É a resposta objetiva contra o ódio que domina as relações pessoais e as redes sociais na atualidade. Ter a garantia de que o Senhor vindicará a sua verdade — e seus filhos — é o que impede o crente de ser vencido pelo mal. Observe:

O juízo de Deus não produz arrogância — produz amor à Palavra

¹¹⁹Rejeitas, como escória, todos os ímpios da terra; por isso, amo os teus testemunhos.

Duas palavras que mudam tudo: **por isso**.

O salmista contemplou o juízo de Deus sobre os ímpios — e a resposta não foi alívio autocomplacente. Foi amor. **“Por isso, amo os teus testemunhos.”**

A lógica é profunda. Ao ver que Deus rejeita os que se desviaram da sua Palavra, o salmista não pensa: “ainda bem que não sou como eles.” Ele pensa: “a Palavra de Deus é o lado certo da história — e eu quero estar nela.” O juízo divino não alimenta o orgulho do crente. Alimenta o seu amor pela Palavra — e por Deus.

É a segunda vez aqui na estrofe **Sâmeque** que o salmista declara amor aos testemunhos de Deus — a primeira foi no versículo 113. Mas aqui no 119 a motivação é diferente. Lá, o amor nascia do conhecimento de Deus como refúgio. Aqui, nasce da contemplação de Deus como juiz. São duas faces do mesmo amor — uma mais terna, outra mais solene. Mas ambas genuínas.

Isso tem uma implicação pastoral importante.

O crente que nunca medita no juízo de Deus desenvolve um amor pela Palavra que é sentimental — funciona quando a vida está bem, esfria quando a pressão aumenta. Mas quem contempla Deus como juiz desenvolve um amor que resiste.

Isaías 40.8 ecoa aqui com toda a sua força: “A erva se seca e as flores caem, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre.” Os ímpios passam. A astúcia deles passa. A pressão que exercem passa. A Palavra fica. Isso alimenta o nosso amor por Deus e a nossa misericórdia pelos ímpios.

Mas tem uma última coisa:

A contemplação do juízo de Deus gera temor santo

¹²⁰Meu corpo treme de medo de ti, e temo os teus juízos.

Este é o versículo mais mal interpretado da perícopre — e o mais importante.

À primeira leitura parece contradizer tudo que veio antes. O salmista que amava a Palavra, que corria para Deus como refúgio, que pedia sustento com confiança — agora treme? Agora tem medo?

Sim. E isso não é contradição. É maturidade.

O salmista não está com medo de ser arrastado pelo juízo — ele treme diante do pensamento da justiça divina sobre todos os ímpios. O tremor não é o de quem teme ser condenado. É o de quem contemplou a santidade de Deus de perto — e ficou sem palavras.

É o mesmo tremor de Isaías diante do trono: “Ai de mim, pois estou perdido! Sou um homem de lábios impuros.” Não o desespero do condenado — mas o espanto de quem se viu pequeno diante do infinitamente santo. É o mesmo tremor de Jó depois do redemoinho: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem.”

O temor do versículo 120 e o amor do versículo 119 não são opostos — são as duas faces da adoração madura.

O amor sem temor vira sentimentalismo — transforma-se numa fé que projeta em Deus apenas o que é confortável.

E o temor sem amor vira servilismo — uma religião de medo que nunca descansa na graça.

Mas amor e temor juntos — isso é adoração.

Hebreus 12.28-29 une perfeitamente essas duas dimensões: “Por isso, recebendo nós um Reino inabalável, retenhamos a graça,

pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e temor. Porque o nosso Deus é fogo consumidor.”

Graça e fogo consumidor. Amor e tremor. Não como tensão a resolver — mas como realidade a habitar.

Quando foi a última vez que você tremeu diante de Deus? Não de medo de condenação — essa não é a experiência do crente que está em Cristo. Mas de espanto. De reverência. A sensação de estar diante de alguém infinitamente maior, infinitamente mais santo do que nossa liturgia secular nos deixa perceber.

O salmista descobriu que meditar no juízo de Deus sobre os ímpios não o tornou arrogante — o tornou mais apaixonado pela Palavra e mais reverente diante de Deus. A contemplação do juízo divino é um antídoto poderoso contra a frieza espiritual.

E tem uma dimensão evangelística aqui que não pode ser ignorada. Os ímpios que hoje pressionam o crente — na universidade, na família, nas redes sociais — são os mesmos que serão julgados. Não com satisfação devemos pensar nisso, mas com urgência. O tremor do salmista diante do juízo de Deus deveria nos mover não para o isolamento, mas para o testemunho. Para o que Judas 23 chama de arrancá-los do fogo enquanto há tempo.

O que sustenta o crente

Voltemos ao ponto de partida.

O estudante desprezado pelo seu cristianismo. A mãe que constringe a reunião com seu testemunho. O profissional que paga um preço por suas convicções bíblicas. O rapaz ou a moça que sofre com o isolamento por causa de seu testemunho. A mesma pressão, o mesmo recado: seguir a Cristo é inconveniente, antiquado, solitário.

O Salmo 119.113-120 *não* oferece estratégia para tornar a fé palatável ao mundo. Oferece algo melhor: as três realidades que sustentam o crente quando o mundo pressiona.

Três frutos de um coração que conhece quem é Deus — **AMOR** à Palavra que recusa a duplicidade, **DEPENDÊNCIA** que sustenta a firmeza — “Ampara-me, e não serei envergonhado na minha esperança... Sustenta-me, e serei salvo” — e **TEMOR** santo que, paradoxalmente, aprofunda o amor. Não são meras disciplinas a praticar. São frutos de quem conhece quem Deus é.

E quem é ele? É o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo-Cristo. **CRISTO** — o refúgio que o salmista antecipava sem ainda nomear. Nele o amor à Palavra encontra seu objeto mais pleno, pois ele próprio é a Palavra eterna de Deus. Nele a dependência tem um rosto, uma vez que quem o vê, vê o Pai. Diante dele o tremor e a adoração se encontram. O crente não enfrenta a pressão por força de vontade — enfrenta porque está unido pela fé àquele que já venceu o mundo: Jesus Cristo. *“No mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem — eu venci o mundo.”* (Jo 16.33)

OH, CRENTE! Esse evangelho não é só a porta pela qual você entrou para a salvação. É o ar que você respira dentro do novo lar — para a sua santificação. O amor, a dependência, o temor santo — nada disso se sustenta fora de Cristo. Quando o mundo pressionar — e vai — não recorra primeiro à sua disciplina. Recorra a ele. “Ampara-me, não quero ser envergonhado na minha esperança... Sustenta-me, e serei salvo” não é oração de fraco. É oração de quem sabe em quem confia. E age. Age o milagre.

AH, VOCÊ QUE AINDA ESTÁ FORA DE CRISTO! O juízo que o salmista contempla com tremor é real. Você não está fora dele por não pensar nele. Mas o mesmo Deus que julga foi julgado, em Cristo, no seu lugar. Na cruz, o Filho eterno foi feito escória — desprezado, rejeitado pelo próprio Pai — para que nenhum pecador arrependido precisasse sê-lo. *“Aquele que não conheceu pecado, Deus*

o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.” (2Co 5.21)

Isso é o evangelho. Não é estoicismo. Não é autoajuda. É Deus resolvendo — no corpo do seu Filho — o problema do juízo que todos merecemos. O estoico se basta. O crente depende. São posturas opostas diante da mesma realidade — e apenas uma delas tem uma cruz no centro.

Venha a Cristo. Com arrependimento e fé. Enquanto há tempo, há convite. Venha. E enfrente a pressão do mundo.

S.D.G. L.B.Peixoto.